

Notas sobre o *teorikon* visto de dentro e uma observação sobre Cortázar

Alexandre Moraes*

Abstract

The essay discusses the space of Literary Theory as a two-way route that should be capable of explain and legitimate literary texts. It brings the reflection about the object, the interpretation, the textual structure and the subject of Literary Theory, presenting *Rayuela*, of Julio Cortázar as a literary work that exemplifies the modern needs of Theory.

No teatro grego havia um lugar privilegiado em que se pagava para ver melhor: o *teorikon*. Nele, pelo acesso ao teatro, via-se o desenrolar completo da cena com os olhos livres de obstáculos e de algum ruído suposto. Pagava-se muito mais para estar no *teórikon*. O lugar do olhar desnudo, tendo diante de si o espetáculo em aparência *clean*, é caro, custa algo mais¹.

Assim o discurso da teoria da literatura. Surgido para *pôr ordem no caos dos estudos literários* e também para frear a influência da teoria positivista, empirista e/ou romântica do final do século passado, mais fêz inserir-se na balbúrdia literal das correntes de pensamento que se aproveitam da literatura para seus fins diversos.

A teoria da literatura reclama um lugar, duvidoso por enquanto, mas lugar de olhar privilegiado: criação de uma metodologia que servisse *em duas mãos*. Um instrumental efetivo que propiciasse “a entrada”, o escrutínio

* Universidade Federal do Espírito Santo.

¹ DUARTE, João Ferreira. *O espelho diabólico. Construção do objeto da teoria literária*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989, p. 24.

e a explicitação do texto literário e seus problemas e, um discurso válido, legítimo e legitimador sobre o texto literário. No sentido contrário àquele seguido pelas sempre renovadas esperanças, a controvérsia tem sido o lugar maior da teoria da literatura. Os manuais escolares nem sequer conseguem dissimular para o iniciante a confusão de métodos e visões e ainda delimitar claramente a especificidade da disciplina.

Teorizar é antes de “*ver*”, penetrar no campo dos códigos que formam os sentidos do real. O que o texto literário parece nos dizer é que seu material nutriente é anterior à uma possível mimesis ou à configuração imaginária de um real dado. Seu material é basicamente a discussão da refração da realidade, seus conceitos, configurações e, por fim, sua formação. O texto parece nos informar que está sempre pesquisando um conceito de real diferente do que, uma possibilidade. Aliás, não foi outra intenção de Milan Kundera quando afirmou que “o texto não trata do que aconteceu, mas das possibilidades”². A possibilidade da subjetividade humana em sua concretude torna-se o nutriente do texto, ou seja, o texto está sempre apontando direções e flutuações de real e de conceitos de real em formação e destruição. O texto manipula estes códigos de formação da realidade, por esta razão não raro, inverte, subverte, reverte e refaz o que parecia acabado e definitivo. A língua do texto é flutuante pois o que trata é também convertido em flutuação radical.

Discutir, estudar, explicitar/interpretar um texto literário ou a obra de um autor é verificar como a linguagem pode contribuir para a discussão maior dos conceitos de real. Quer dizer: a língua do texto que não visa a comunicação a priori, quer discutir *que real tem diante de si*, que possibilidades de realidades tem para que discorra e como podem ser representadas estas modalidades e estas formações de real. *O texto literário é um conceito sobre os conceitos de real*. Se fixo num tipo de real ou se composto pela doxa usual, o texto perderia sua função de apontar indefinidamente *outras possibilidades*. Em si, o texto é realidade para si, realidade sobre a realidade, coerência sobre a incoerência, contigüidade sobre a descontigüidade do real.

A própria dificuldade de definição da disciplina está vinculada a estes dados. Se o texto em si é uma coerência diante da incoerência aparente das rotas de sentidos e suas direções sem mapa ou sem trajeto prefixado, como definir um campo de estudos que, metalinguagem em si, fala de linguagem e de sentidos que se multiplicam quando analisados? A multiplicação dos sentidos, esta a grande dificuldade de qualquer método até agora diante do texto literário.

Num rápido olhar sobre a teoria literária feita a partir de meados da década de 20 deste século, vê-se com nitidez esta dificuldade: a teoria é

² KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

antes teoria para si, teleologia interrompida muitas vezes porque precisa pensar epistemologicamente o seu objeto e o seu ser. A teoria atravessa um momento em que não se esconde a necessidade de definir *como, porque e a legitimidade* do debate³. O teórico está premido pela urgência do estabelecimento do lugar (teórico, político, profissional, etc) em que vai exercer o seu ofício.

Em sociedades cujos processos de mudança parecem apontar o *incômodo* em que pode redundar a discussão do texto e, mais, em comunidades em que historicamente a literatura é consumida por uma elite beletrista, separada da maioria dos consumidores potenciais da sociedade por abismos econômicos e culturais, a discussão textual tende a esbarrar nas formas de poder e de legitimação muito estreitas que estas sociedades estabelecem. Se, como queria Bourdieu, a literatura está imersa num mercado de “pequeno porte” onde a legitimação é feita por seus pares antes de passar ao mercado de “grande porte”, a teoria da literatura é uma disciplina imersa num dos apêndices deste muito restrito mercado de legitimação⁴. Na América Latina, ao contrário de diversos países da Europa, a literatura encontra-se ligada à uma forma “de desvio das linhas de poder”. As classes mais abastadas travam um debate intenso a partir do texto para veicular conceitos de real no interior de seu próprio campo de legitimação. O escritor na América Latina tem estado vinculado de forma indireta ao poder, criando desvios e contra-argumentos através do texto⁵, espécie de entre-lugar, como assim o denominou Silviano Santiago⁵. A *literatura de academia* possui trânsito livre no poder. Esperável e até muito compreensível é o abandono das mídias em relação ao texto literário hoje. A mídia vive de uma tradição em que o contemporâneo só interessa como “cultura geral” ou se amolda a esta tradição sem oferecer rupturas, fendas ou direções novas ao discurso. O contemporâneo passa a existir numa fímbria de um mercado muito restrito mesmo após mudanças radicais com o ingresso da classe média como produtora de bens literários.

Nem os métodos lingüísticos, nem aqueles ligados às ciências sociais ou nova metodologia que parte da filosofia explicitam o texto literário além de alguns pressupostos. A teoria da literatura não possui um arsenal de explicações convincentes sobre o texto literário sem que para isto lance mão de mecanismos interdisciplinares. O teórico da literatura não caminha sem que esteja estabelecendo um diálogo contínuo (e as vezes precário) entre disciplinas. Como abandonar a filosofia estética do texto, a história,

³ Já houve quem definisse a filosofia da seguinte forma: “(...) é possível apresentar a filosofia como uma espécie de debate adjacente e implícito sobre as condições desses diversos debates”. Cf. LACOSTE, Jean. *A filosofia no século XX*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1992, p. 14.

⁴ BOURDIEU, Pierre. *Le marché de bien symboliques*. L'année sociologique 22, Paris: 1971, p. 49-126.

⁵ SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

os rascunhos sociológicos que dão subsídios ao fundamento analítico da teoria da literatura? O teórico da literatura, não se atém a nenhum destes campos de interdisciplinaridade, mas sabe que não pode prescindir deles. E os problemas começam por avolumar-se neste ponto. Em uma primeira e parcial síntese:

- a) *A teoria da literatura pensa um objeto* cujo cerne é o conceito de real e suas possibilidades, a flutuação das formações de real e a subjetividade que envolve e dá forma ao real.
- b) *Enciclopédica*⁶, a teoria não pode perder-se nos andaimes da interdisciplinaridade sob pena de descaracterizar-se e utilizar o texto como pretexto para análises que se desviam da função do teórico da literatura: explicitar o texto, interpretar e fundamentar sua criação e recepção e ainda estudar o que pode vir a significar e os sentidos de sua flutuação estrutural.
- c) *Explicitar/interpretar o texto*: entender suas linhas de sentido, paradigmas e sintagmas que estão inseridos em seu objeto. O teórico não pode perder de vista que *o texto é o limite da interdisciplinaridade*. “Sobrevoar o texto”⁷, como nos diz Costa Lima, é também ajustar o texto a interesses que passam distantes do próprio texto e de suas linhas construtivas de sentido. O sentido no texto é possibilidade em mutação. Decorrência inevitável de seu objeto: a teoria é uma disciplina do flutuante, do mutável, do provisório. O objeto textual aponta sentidos, mas não os fixa mesmo no seu corpo objetivo de texto. Explicar/interpretar o texto não poderá ser desviar o texto e discutir qualquer outro pormenor de sua composição; explicar só poderá ser abrir a estrutura do texto.
- d) *A estrutura do texto*: começa aqui o maior problema da teoria da literatura. O texto em si possui uma estrutura anterior ao consumo e outra (outras) depois de analisado ou lido (consumido de alguma forma) pois como objeto em que a abertura e a polissemia fazem parte de sua interioridade e manifestação típica de objeto, não se completa em si, mas no leitor, na expansão que o leitor promove ao consumir. Tal expansão nos leva a

⁶ Foi desta maneira que Barthes referiu-se ao texto literário em sua famosa “Aula. Por conter todos os saberes, a literatura torna-se enciclopédica. Cf. BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perron-Moysés. São Paulo: Cultrix, 1988.

⁷ LIMA, Luiz Costa. Quem tem medo de teoria. In: *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

entender que interpretar poderá ter seus limites fixados pelo próprio texto e suas possibilidades de flutuação. Por *limites de interpretação*, só podemos entender os limites sempre alargados que o texto vai propondo e refazendo nas diversas expansões que o sujeito leitor opera, referendando, desta forma, o signo e sua provisoriamente de interações semióticas. A estrutura do texto é sempre infinita por definição de seu material formador. A teoria será teoria do mutável, da estrutura que se transforma e transcende a si a cada expansão. A teoria não poderá desacreditar do sujeito que fundamenta o texto em favor do objeto, não poderá ser uma espécie de estruturalismo anos 90, mas também não pode desligar-se do objeto que reproduz a tensão subjetiva do texto.

- e) *A função do teórico* transita entre a do político que vasculha discursos em busca de sentidos que lhe sirvam ao seu corpus de especulação e à sua meta específica e àquela do químico dentro do laboratório. Se o político vasculha o discurso procurando atingir o adversário pelo discurso e pela sua diferença entre discursos e gestos de referência, o químico mistura elementos para atingir também uma meta diferenciada do que tem em mãos. Na química a transformação do objeto não é uma pretensão, é uma necessidade. Tanto o político quanto o químico procuram a transformação, mas um se atém ao discurso e o outro estuda as transformações para obter outras transformações. O teórico da literatura na América Latina precisa estudar as transformações para compreender o que fazer com o discurso sobre o texto. Mas também precisa do tipo de comportamento típico do político: vasculha num campo muito vasto de discursos aqueles dados que lhe servem para explicar um destes discursos que a sociedade propõe, a literatura. Sua explicação não pode esquecer que a literatura é ainda um discurso cuja referencialidade cria um simulacro e não uma cópia. O texto indica as pressões, as potências em expansão, as conexões e disjunções do sentido e sua rota. O teórico só poderá ocupar um lugar em que a transformação através da mescla de dados de diversa procedência seja seu objetivo final. Estudar a transformação do referente em texto. No caso deste trabalho, do moderno em utopia do indivíduo. Não a utopia como vaidade de toda uma civilização (como Nietzsche viu no século XVIII)⁸ ou como divinização

⁸ NIETZSCHE, Friedrich Willhelm. *Vontade de potência*. Trad. Mário D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993, p. 103.

de uma natureza, mas como sublimação de uma episteme. Cortázar procurava a utopia não como mito de uma sociedade apaziguada, mas como caminho para uma sociedade que na luta deveria reconhecer não seu indivíduo de hábito, mas o seu sujeito de intensidades de sentido.

- f) *O sujeito na teoria da literatura* tem sido focalizado em dois sentidos: recuperado na figura do experimentador que interpreta o texto ou colocado sob o domínio do objeto. Neste último caso, o sujeito submetido ao objeto, deve estar sempre dissimulado para que ganhem legitimidade a análise e a descrição. A interpretação propõe um sujeito que não se dissimula nas malhas do objeto:

Descrédito do sujeito, para elevação do objeto. Todos sabemos, por tê-la recebido, da frase cotidiana, pronunciada ainda hoje em salas de aula e nas ruas, sobre a não legitimidade de um argumento qualquer a pretexto de que seja uma interpretação. O que você fez ou disse foi uma interpretação, portanto, não vale, dirá o professor num ímpeto de rigor categorial, nem sempre adequado em relação ao que julga, negativamente, através do rótulo da interpretação. Assim, privilegiar-se isto ou aquilo, separou-se de modo simplista: a interpretação está para o sujeito, assim como descrição e a análise estão para o objeto. Como se a interpretação fosse algo que não comportasse, transformadas, a descrição e a análise, o diálogo conflituoso entre sujeito e objeto. Como se a interpretação não fosse ela própria atingida pela ação do rigor, especial é claro, pelo qual se realiza. Como se a interpretação fosse um poder isolado sobre algo passivo. A interpretação consiste exatamente nas transformações resultantes da atividade dos saberes, atividade sem submissão, a não ser a provisória, necessária e estratégica. A prática da interpretação deve partir de um olho que almeje ser tão paciente e móvel quanto um ouvido que, por natureza e por cultura, não misture nem confunda os sons diversos de uma música ou de uma calçada, nem os receba separadamente, fora de sua cadeia polifônica(...).⁹

Na linguagem tanto a interpretação quanto a análise estão fundadas, entretanto uma teoria que proponha a interpretação como fundamento sabe que o leitor é peça fundamental. Não poderá estar passivo, não poderá estar

⁹ SANTOS, Roberto Correa dos. *Para uma teoria da interpretação. Semiologia, literatura e interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 15.

dissimulado nas fímbrias do objeto, não vai criar uma cópia do sentido feito hábito. Uma teoria que se baseie na interpretação refuta a verdade do hábito do texto, até mesmo porque sabe o quanto a língua é o fundamento e o corpo do objeto a ser estudado. Esta teoria da literatura tangencia o texto, transforma-se em escritura de uma prática interpretativa. Na lista abaixo, alinha-se, ainda, Cortázar:

(...)Nietzsche, Artaud, Bataille, Clarice, Barthes, Freud, Deleuze, Derrida, Foucault e outros cúmplices mais ou menos próximos, voltados todos, cada qual a seu modo, por produções interpretativas, para a teoria, a história e para a crítica. Seja teoria, história e crítica social; seja teoria, história e crítica do literário; seja teoria, história e crítica do desejo. Todos, enfim, elaborando um novo espaço no saber: o espaço da escritura. Espaço de uma história partida.

- g) A literatura tem se transformado por conta de diversos fatores, também os discursos que visam a criar interpretações ou a produzir uma economia dos signos, uma educação, como diria Deleuze¹⁰, devem se transformar. Barthes já havia alertado para o fato de que

(...) é muito possível que a literatura, apesar de sua sobrevivência na cultura de massas, vá sendo privada, pelo próprio trabalho dos escritores, do seu estatuto de arte realista ou expressiva, e opere a sua própria destruição para renascer sob as espécies de uma escritura que já não estará exclusivamente ligada ao impresso, mas que será constituída por qualquer prática de inscrição.¹¹

É por este ângulo de questões que a teoria da literatura se entrecruza com Cortázar que fez de sua *Rayuela* (“O jogo da amarelinha”) uma espécie de manual do romance, uma filosofia da literatura, uma interpretação diferenciada da própria teoria. A teorização de Morelli é uma forma de recriação do espaço teórico, transformando o texto em seu próprio espelho, questionando o leitor, intigando-o a agir também diante do texto. O “*roman comique*” que Morelli advoga é a própria *teoria do romance* de Cortázar e também a teoria de um romance que tem no descentramento sua tônica e sua forma de lutar contra o hábito textual.

¹⁰ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Trad. Roberto Machado et alii. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

¹¹ BARTHES, Roland. *Lingüística e literatura*. Trad. Isabel Gonçalves e Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 16.

- h) *A leitura do texto literário* não deixa de esbarrar em diversos projetos interpretativos e, tal como a atividade do teórico, é margeada pela atividade política, a própria teoria constitui-se como um projeto político, isto porque o

(...) projeto de interpretação configura-se como um projeto político. Sua prática só de modo muito especial pode ser chamada de didática. Uma didática que não teme o salto, que não busca a seqüencialidade, que desmobiliza a hierarquia, que descontrola a repetição. Uma didática que supõe que ler seja entonar, mobilizar ritmos, aproximar distâncias, rasurar falsas proximidades. E isto é escrever, sob formas diferenciadas. Na vertente da interpretação, a história, a crítica e a teoria da leitura — além de se constituírem em atividades necessariamente pensadas de modo interdisciplinar — situam-se como escritura, práticas significantes elas também. Poder-se-á assim falar, sem qualquer pudor, dos sujeitos-intérpretes deste estranho objeto - a literatura - como escritores e não como escreventes, tal a distinção barthesiana. Tais atividades, sob o olhar da interpretação, não objetivam simplesmente arrumar e tranqüilizar. O examinar interpretativo de algo implica mobilizar-se a si, ao lido, ao outro. Desarticular para entrar no movimento da sintaxe histórica, recusando-se assim a participar, por passivo consumo, do simples comércio da informação. A interpretação, não sendo um arquivo, nem uma memória, não se faz por acúmulos de conhecimentos superpostos. Dá-se como traço - ranhura capaz de selecionar, combinar, produzir.¹²

A interpretação para a teoria deverá estar livre das demarcações de um “discurso competente”, para que seja livre exercício. As restrições típicas do discurso competente criam entraves tantas vezes intransponíveis para a literatura pois alicerçam não um conhecimento do texto, mas fazem circular as restrições que toda legitimação conduz no interior dos discursos. A interpretação que a teoria deve conduzir proporciona um saber interdisciplinar e deve estar preparada para enfrentar o jogo armado contra as conclusões habituais que a teoria-catálogo tenta fazer inscrever no texto teórico.

É na modernidade que se alvoroça com a possibilidade de ordenar os saberes e de criar uma nova episteme que surgiram discursos que argumentarão contra a ordem criada por uma episteme centralizadora. Os discursos a que a teoria tenta dar conta, não como propedêutica ou preceptística, mas como teoria do descentramento são aqueles que põem

¹² SANTOS, R.C. dos. op. Cit., 1989, p. 21.

em ação não um indivíduo e seu hábito, mas um sujeito e suas intensidades a partir de seus discursos flutuantes. A modernidade, ao centralizar e ordenar o saber, cria seu mais potente antídoto: a interpretação. Não é por outra razão que a teoria-catálogo tem tanta dificuldade em alinhar um saber sobre o flutuante e sobre o desejo contido: a subjetividade moderna rompe consigo mesma para poder dar vazão a discursos do descentramento e a textos que necessitam escrutinar o texto e suas flutuações entre diversas matrizes de sentido.

